

Cooley, Charles Horton. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. O self social: o significado do *Eu*. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 16, n. 47, p. 173-192, Agosto de 2017. ISSN 1676-8965.

ARTIGO

www.cchla.ufpb.br/rbse/

O self social: o significado do *Eu*

The social self: the meaning of 'I'

Charles Horton Cooley

Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury

Recebido: 12.03.2017

Aceito: 30.05.2017

Resumo: Neste ensaio, Cooley discorre sobre a gênese, na criança, das noções do autossentimento e do self autoespelhado, de modo a discutir como a reflexividade do eu individual se constrói processualmente nas experiências sociais de consciência do outro e de autoconsciência de si. O self social, ou o eu empírico, é compreendido, assim, como a vida comunicativa apropriada reflexivamente pela mente e projetada na dimensão simbólica e material da existência do indivíduo como sua, sempre em relação com o outro. O *eu*, *mim*, *meu* ou *eu mesmo*, desta forma, faz parte da vida geral e individual do indivíduo enquanto pessoa, enquanto um eu socialmente militante e situado. Este self social, - self reflexo ou um self autoespelhado, - se forma em espirais recíprocas de alter- e autopercepção, em que a pessoa se vê no outro e a partir do outro, desenvolvendo um tipo de autossentimento e de autoconsciência. **Palavras-chave:** eu, self, self autoespelhado, eu empírico, autossentimento, autoconsciência

Abstract: In this essay, Cooley discusses the genesis in the child of the notions of self-reflection and the self-mirrored self in order to discuss how the reflexivity of the individual self is constructed procedurally in the social experiences of the other's consciousness and self-consciousness. The social self, or the empirical self, is thus understood as the communicative life reflectively appropriated by the mind and projected into the symbolic and material dimension of the individual's existence as his, always in relation to the other. The self, me, me or myself, in this way, is part of the general and individual life of the individual as a person, while a socially militant and situated self. This social self, self-reflection or self-mirrored self, is formed in reciprocal spirals of alter- and self-perception, in which the person sees himself in the other and from the other, developing a kind of self-awareness and self-awareness. **Keywords:** self, self, self-mirrored, empirical, self-awareness, self-awareness

É bom dizer, desde logo, que a palavra *Self*, nesta discussão, significa simplesmente o que é designado, em linguagem comum, pelos pronomes em primeira pessoa do singular, *eu*, *meu*, e *eu mesmo*¹. O *Self* e o *ego* são usados por metafísicos e moralistas em muitos outros sentidos, mais ou menos distantes do *eu* do discurso e do pensamento diários, e, em relação a estes, desejo ter o mínimo possível de proximidade.

O que aqui será discutido é o que os psicólogos chamam o *eu empírico*, o eu que pode ser apreendido ou verificado pela observação ordinária. Eu o qualifico pela palavra

¹ Tradução feita partir de Cooley, Charles Horton. Chapter 5, The Social Self -- 1. The Meaning of 'I' (p. 168-210). In: *Human Nature and the Social Order* New York: Charles Scribner's Sons, 1922.

social não como implicando a existência de um *eu* que não seja social, - pois penso que o *eu* da linguagem comum sempre tem uma referência mais ou menos distinta a outras pessoas, assim como ao orador, - mas porque desejo enfatizar e insistir no aspecto social do mesmo.

Embora o tema do *eu* seja considerado abstruso, essa abstrusão pertence, principalmente, talvez, à discussão metafísica do *ego puro*, - ou o que quer que seja, - enquanto o self empírico não deve ser muito mais difícil de conseguir observar do que outros fatos da mente. De qualquer modo, pode-se supor que os pronomes da primeira pessoa têm um significado substancial, importante e não muito recôndito, pois, caso contrário, não estariam em uso constante e inteligível por pessoas simples e crianças de todo o mundo. E, uma vez que eles têm tal significado, por que não devem ser observados e passíveis de reflexão como qualquer outra questão de fato?

Quanto ao mistério subjacente, é, sem dúvida, real, importante e um tema de discussão muito adequado por aqueles que são competentes, mas não o considero um mistério peculiar. Quero dizer que parece ser simplesmente uma fase do mistério geral da vida, não pertencente ao *eu* mais do que a qualquer outro fato pessoal ou social. De modo que, aqui, como em outros lugares, aqueles que não estão tentando penetrar o mistério, simplesmente podem ignorá-lo. Se esta é uma visão justa da questão, o *eu* é apenas um fato como qualquer outro.

A coisa distintiva na idéia para a qual os pronomes da primeira pessoa são nomes é aparentemente um tipo de sentimento característico que pode ser chamado de *meu sentimento* ou *senso de apropriação*. Quase todo o tipo de idéia pode estar associado a esse sentimento, e assim chegar a ser chamado de *eu* ou *meu*, mas o sentimento, ao que parece, é o fator determinante na matéria.

Como diz o Professor James, em sua admirável discussão sobre o self, as palavras *eu* e *self* designam "todas as coisas que têm o poder de produzir em um fluxo de consciência uma excitação de certo tipo peculiar"². Este ponto de vista é muito bem estabelecido pelo Professor Hiram M. Stanley, cujo trabalho, "*A Psicologia Evolutiva do Sentimento*", tem um capítulo extremamente sugestivo sobre o autossentimento.

Não quero dizer que o aspecto de sentimento do self seja necessariamente mais importante do que qualquer outro, mas que é o sinal imediato e decisivo e a prova do que é o *eu*. E não há recurso, se vamos atrás, deve ser para estudar sua história e condições, não para questionar a sua autoridade.

Entretanto, é claro, este estudo da história e das condições pode ser tão lucrativo quanto pode ser a contemplação direta do autossentimento. O que eu gostaria de fazer é apresentar cada aspecto em sua devida luz. A emoção ou o sentimento do self pode ser considerado instintivo e sem dúvida evoluiu em conexão com a sua importante função de estimular e unificar as atividades especiais dos indivíduos³.

² "As palavras *Eu* e *Self*, então, na medida em que despertam sentimento e conotam valor emocional, são *objetivos*: são designações que significam *todas as coisas* que têm o poder de produzir, em um fluxo de consciência, excitação de certo tipo peculiar". *Psicologia*, p. 319. Um pouco atrás ele diz: "Em seu sentido mais amplo possível, no entanto, o *self* de um homem é a soma total não só do seu corpo e dos seus poderes psíquicos, mas, de suas roupas e sua casa, sua esposa e filhos, seus antepassados e amigos, sua reputação e obras, suas terras, cavalos, iate e conta bancária. Todas essas coisas dão a ele as mesmas emoções". (Idem, p 291). Wundt, por seu lado afirma sobre o *Ich (Eu)*: "Es ist ein Gefühl, nicht eine Vorstellung, wie es häufig genannt wird". *Grundrisse der Psychologie*, 4 Auflage, S. 265. ("O *Self* é um sentimento, e não, como é chamado frequentemente, uma idéia", em *Os Fundamentos da Psicologia*, 4ª edição, p. 265).

³ É, talvez, para ser pensado como um instinto mais geral, do qual a raiva, etc., são formas diferenciadas, ao invés de estar de pé por si mesmo.

Está, portanto, profundamente enraizada na história da raça humana e aparentemente indispensável a qualquer plano de vida semelhante ao nosso. Parece existir em uma forma vaga, embora vigorosa, no nascimento de cada indivíduo e, como outras idéias instintivas ou germes de idéias, é definido e desenvolvido pela experiência, tornando-se associado, ou melhor, incorporado com músculo, visão e outras sensações; com percepções, apercepções e concepções de cada grau de complexidade e de variedade infinita de conteúdo. E, especialmente, com idéias pessoais.

Enquanto isso, o sentimento, em si não, permanece inalterado, mas sofre diferenciação e refinamento como qualquer outra espécie de sentimento inato. Assim, mantendo sob cada fase seu tom ou sabor característico, se quebra em inumeráveis autossentimentos. E o autossentimento concreto, como existe em pessoas maduras, é um todo formado por esses vários sentimentos, juntamente com uma boa dose de emoção primitiva.

Ele participa plenamente do desenvolvimento geral da mente, mas nunca perde o gosto peculiar da apropriação que nos leva a nomear um pensamento com um primeiro pronome pessoal. Os outros conteúdos da autopercepção são de pouca utilidade, aparentemente, ao defini-la, porque são muito diferentes. Não seria mais fútil tentar definir, - ao que parece, - o medo enumerando as coisas de que as pessoas têm medo, do que tentar definir o *eu* enumerando os objetos com os quais a palavra está associada.

Assim como o medo significa principalmente um estado de sentimento, ou sua expressão, e não escuridão, fogo, leões, cobras ou outras coisas que o excitam, então o *eu* significa principalmente autossentimento, ou sua expressão, e não corpo, roupas, tesouros, ambições, honras e coisas semelhantes, com as quais esse sentimento pode estar ligado. Em ambos os casos, é possível e útil ir atrás do sentimento e perguntar quais idéias despertam e por que o fazem, mas isso é, em certo sentido, uma investigação secundária.

Uma vez que o *eu* é conhecido por nossa experiência, principalmente como um sentimento, ou como ingrediente de sentimento em nossas idéias, não pode ser descrito ou definido sem sugerir esse sentimento. Às vezes, é provável que caibamos em uma maneira formal e vazia de falar sobre questões de emoções, tentando definir o que são em sua natureza primária e indefinível.

Uma definição formal de autossentimento, ou mesmo de qualquer tipo de sentimento, deve ser tão vazia quanto uma definição formal do gosto do sal, ou a cor vermelha. Podemos esperar saber o que é apenas por experimentá-lo. Não pode haver teste final do *eu*, exceto no modo como sentimos: e este é aquilo em relação ao qual tem a atitude do *meu*.

Mas como este sentimento é tão familiar para nós e tão fácil de recordar quanto o sabor do sal ou da cor vermelha, não deve haver dificuldade em entender o que significa. Basta imaginar algum ataque ao seu *eu*, comentar sobre o ridículo de sua vestimenta ou, mesmo, uma tentativa de tirar a sua propriedade ou o seu filho, ou o seu bom nome ser manchado por calúnia, e o autossentimento imediatamente aparece.

De fato, ele só precisa pronunciar, com forte ênfase, uma das autopalavras, como *eu*, *mim*, ou *meu*, e o sentimento de si mesmo será lembrado por associação. Outra boa maneira é entrar pela simpatia em algum estado de espírito autoassertivo descrito na literatura; como, por exemplo, o de Coriolano quando, tendo sido zombado como uma espécie de "menino em lágrimas" clama:

"Menino, eu [...] Se você tem escrito seus anais de verdade, 'está lá, que, como uma águia em um pombal, eu flutuei os seus Volscos⁴ em Corioli⁵, e sozinho eu fiz isso. Eu, menino!?"

Aqui está realmente um self, que ninguém pode deixar de sentir, embora possa ser incapaz de descrevê-lo. Que grito feroz de um self ultrajado é aquele *eu* no final da segunda linha!

Tanto tem se escrito sobre este tema que ignora o autossentimento e, portanto, priva o *self* de todo significado vivo e palpável, que considero oportuno adicionar algumas passagens mais, em que este sentimento é forçosamente expresso. Deste modo, no poema de Lowell, *A Glance Behind the Curtain*⁶, Cromwell diz:

Eu, por acaso, sou alguém levantado pelo braço do todo-poderoso para testemunhar alguma grande verdade para todo o mundo⁷.

E o seu Colombo, na proa do seu vaso, monologa:

Aqui estou sem outro amigo que o mar triste, o coração palpitante desta grande empresa, a qual, sem mim se enrijece em rápida morte.

E assim o *Eu sou o caminho* que lemos no Novo Testamento é certamente a expressão de um sentimento não muito diferente destes. No que se segue temos um sentimento mais lamentoso do self;

Filoctetes ⁸	E não sabes tu, ó menino, a quem tu verás?
Neoptólemo ⁹	Como posso saber de um homem que eu não vi?
Filoctetes	E tu nunca ouviste o meu nome, nem a fama destes meus males, nos quais decaí?
Neoptólemo	Saiba que eu nada sei do que você pede.
Filoctetes	Ó, esmagado com muitas aflições, e dos Deuses / Odeio-me, de quem, nesta minha tristeza, / Nenhum rumor viajou para casa, nem saiu / Através de qualquer clima dos Helenos ¹⁰ . [3]

Todos nós temos pensamentos do mesmo tipo que estes, e ainda é possível falar tão friamente ou misticamente sobre o self, que se começa a esquecer de que existe, realmente, qualquer coisa semelhante.

Mas, talvez, a melhor maneira de perceber o significado ingênuo de *eu* seja ouvir a conversa de crianças brincando juntas, especialmente se elas não concordarem muito bem. Elas usam a primeira pessoa sem nenhuma autorrepressão convencional de seus mais velhos, mas, com muita ênfase e variedade de inflexão, de modo que seu *animus* emocional é inconfundível.

O autossentimento de um tipo reflexivo e agradável, de um entusiasmo apropriado da contemplação, é fortemente sugerido pela palavra *regozijar-se*. Gostar, nesse sentido, é tanto quanto pensar *meu, meu, meu*, com um calor agradável de sentimento.

Deste modo, um menino se regozija por algo que ele fez com sua serra, sobre o pássaro que ele trouxe com sua arma, ou sobre sua coleção de selos ou ovos. Uma me-

⁴ Volscos (em latim *volsci*) era etnia que ocupou a região central da península itálica (região do Lácio). Povo que lutou contra a República Romana e foi por ela submetido em 388 a.C. [Nota do tradutor].

⁵ Cidade do povo Volscos na região de Lácio [Nota do tradutor].

⁶ *Um olhar por trás da cortina* [Nota do tradutor].

⁷ No original: "I, perchance, Am one raised up by the Almighty arm To witness some great truth to all the world".

⁸ *Filoctetes* é uma tragédia (peça teatral) escrita por Sófocles [Nota do tradutor].

⁹ Na mesma peça, *Neoptólemo*, também conhecido por *Pirro*, era filho de Aquiles e Deidamia. Se o seu pai, Aquiles, ficou conhecido pela sua compaixão, o filho Neoptólemo, ficou conhecido pela sua crueldade e crueldade.

¹⁰ Sófocles, *Plumtre*, p. 352.

nina, por seu turno, se regozija com suas roupas novas e com as palavras ou olhares de aprovação dos outros. Um fazendeiro também se regozija sobre os seus campos e seu estoque. Um homem de negócios sobre seu comércio e a sua conta bancária. Uma mãe sobre o seu filho. O poeta sobre uma quadra de sucesso. O justo sobre o estado de sua alma. E, da mesma forma, cada um se regozija com a prosperidade de qualquer idéia acarinhada.

Eu poderia não ser bem entendido ao dizer que o autossentimento está claramente marcado na experiência de outros tipos de sentimentos, contudo, isso é, talvez, tão definido a este respeito como o são a raiva, o medo, o sofrimento e coisas do gênero. Citando o professor James: “As próprias emoções de autossatisfação e abatimento são de um tipo único, cada uma delas digna de ser classificada como uma espécie emocional primitiva como, por exemplo, a raiva ou a dor”¹¹.

É verdade aqui, - como de onde se distinguem os fatos mentais, - que não há valas, mas, apenas, que uma coisa se funde por graus em outra. No entanto, se o *eu* não denotasse uma idéia muito parecida em todas as mentes e razoavelmente distinguível de outras idéias, não poderia ser usado livremente e universalmente como um meio de comunicação.

Como muitas pessoas têm a impressão de que o self verificável, o objeto que nomeamos com *eu*, é geralmente o corpo material, pode ser bom dizer que essa impressão é uma ilusão, facilmente dissipada por qualquer um que empreenda um simples exame dos fatos. É verdade que, quando filosofamos um pouco sobre o *eu* e olhamos em torno de um objeto tangível ao qual podemos anexá-lo, logo fixamos o corpo material como o lócus mais disponível. Contudo, quando usamos a palavra ingenuamente, como no discurso ordinário, não é muito comum pensar no corpo em conexão com ele, e não é, também, tão comum como se pensar em outras coisas.

Não há dificuldade em testar esta afirmação, uma vez que a palavra *eu* é uma das mais comuns na conversa e na literatura, de modo que nada é mais praticável do que estudar o seu significado a qualquer comprimento que possa ser desejado. Basta ouvir o discurso ordinário até que a palavra tenha ocorrido, digamos, cem vezes, observando suas conexões, ou observar o seu uso em um número similar de casos pelos personagens de um romance. Normalmente se verificará que, em não mais de dez casos em cem, o *eu* tem referência ao corpo da pessoa que fala.

Refere-se, principalmente, a opiniões, propósitos, desejos, alegações, e coisas semelhantes, sobre assuntos que não envolvem o pensamento do corpo. Eu penso ou sinto isso e assim; Eu desejo ou pretendo assim e assim; Eu quero isto ou aquilo; São usos típicos, onde o autossentimento, sendo associado com a visão, propósito ou objeto mencionado. Também deve ser lembrado que o pronome possessivo *meu* é um nome para o eu tanto como *eu*, e estes, é claro, comumente se referem a bens diversos.

Eu tive a curiosidade de tentar uma classificação aproximada dos primeiros cem *eus* em Hamlet, com os seguintes resultados. O pronome foi usado em conexão com a percepção, como *eu ouço*, *eu vejo*, quatorze vezes; com o pensamento, sentimento, intenção, etc., trinta e duas vezes; com desejo, como *vos peço*, seis vezes; como falar - *vou falar com ele* - dezesseis vezes; como eu falei, doze vezes. Em conexão com uma ação, envolvendo talvez alguma noção vaga de corpo, como *eu vim para a Dinamarca*, nove vezes. Expressões vagas ou duvidosas, dez vezes, e como equivalente à aparência corporal - *Não mais como meu pai do que eu para Hércules* - uma vez.

Algumas das classificações são arbitrárias, e outro observador obterá, sem dúvida, um resultado diferente. Entretanto, ele não poderia falhar, eu acho, para concluir

¹¹ *Psychology*, p. 307.

que os personagens de Shakespeare raramente estão pensando em seus corpos quando dizem *eu*. E, a este respeito, eles parecem ser representativos da humanidade em geral.

Como já sugerimos, o autossentimento instintivo está, sem dúvida, conectado em evolução com a sua importante função de estimular e unificar as atividades especiais dos indivíduos. Parece estar associado, principalmente, às idéias do exercício de poder, e às idéias de ser uma causa, idéias que enfatizam a antítese entre a mente e o resto do mundo.

Os primeiros pensamentos definidos que uma criança associa ao autossentimento são provavelmente os de seus primeiros esforços para controlar objetos visíveis - seus membros, seus brinquedos, sua garrafa, e coisas do gênero. Então ela tenta controlar as ações das pessoas sobre ele e, assim, o seu círculo de poder e de autossentimento se alarga sem interrupção aos objetos mais complexos da ambição madura. Embora ele não diga *eu* ou *meu* durante os dois primeiros anos, ele, contudo, expressa tão claramente através de suas ações o sentimento de que os adultos associam com essas palavras que não podemos negar-lhe um *self* desde as primeiras semanas.

A correlação do autossentimento com a atividade intencional é facilmente notada, observando o curso de qualquer empreendimento produtivo. Se um garoto se prepara para fazer um barco e tem algum sucesso, o seu interesse pela matéria se enrijece, ele se ensoberbece, a quilha e o caule lhes são caras, e suas costelas são mais para ele do que as de seu próprio corpo. Ele está ansioso para chamar os seus amigos e conhecidos, dizendo-lhes, *Veja o que estou fazendo! Não é notável?* Sentindo-se exaltado quando é louvado, e ressentido ou humilhado quando a culpa é encontrada com ele.

Mas, assim que ele termina e se volta para outra coisa, o seu autossentimento começa a desaparecer e, em poucas semanas, no máximo, ele se tornará comparativamente indiferente. Todos nós sabemos que o mesmo curso de sentimento acompanha as conquistas dos adultos. É impossível produzir uma imagem, um poema, um ensaio, uma peça de alvenaria difícil, ou qualquer outra obra de arte ou artesanato, sem ter autossentimento em relação a ele, que geralmente ascende à grande excitação e desejo de algum tipo de apreciação. Contudo, isso diminui rapidamente com a atividade em si e, muitas vezes, se torna indiferente depois que ele cessa.

Pode-se talvez objetar que o sentido do *self*, em vez de se limitar a momentos de atividade e propósito definido, é muitas vezes mais evidente quando a mente está desocupada ou indecisa, e que os ociosos e indecisos são geralmente os mais sensíveis em sua autoestima. Isto, no entanto, pode ser considerado como uma instância do princípio de que todos os instintos são suscetíveis de assumir formas problemáticas quando se lhes são negados expressão saudável. A necessidade de exercer o poder, quando frustrada nos campos abertos da vida, é a mais provável de se afirmar em bagatelas.

O *self* social é simplesmente qualquer idéia, ou sistema de idéias, extraído da vida comunicativa, que a mente nutre como sua. O autossentimento tem seu escopo principal dentro da vida geral, não fora dela. É o esforço ou tendência especial de que é o aspecto emocional que encontra o seu campo principal de exercício em um mundo de forças pessoais, refletido na mente por um mundo de impressões pessoais.

Em relação ao pensamento de outras pessoas, a idéia de *self* é sempre uma consciência do aspecto peculiar ou diferenciado da vida, porque esse é o aspecto que tem de ser sustentado pelo propósito e esforço, e suas formas mais agressivas tendem a se ligar a seja o que for que achar que seja ao mesmo tempo condizente com as próprias tendências e em desacordo com as de outros, com os quais se está em contato mental.

É aqui que eles são mais necessários para servir a sua função de estimular a atividade característica de promover as variações pessoais que o plano geral de vida parece exigir. O céu, diz Shakespeare, divide o estado do homem em diversas funções, estabe-

lecendo esforços em contínuo movimento, e o autossentimento é um dos meios pelos quais essa diversidade é alcançada.

De acordo com este ponto de vista, descobrimos que o self agressivo manifesta-se de forma mais notória na apropriação de objetos de desejo comum, correspondendo à necessidade de poder do indivíduo sobre tais objetos para assegurar o seu próprio desenvolvimento peculiar, e ao perigo da oposição de outros que também precisa deles. E isso se estende de objetos materiais para prender, no mesmo espírito, as atenções e afeições de outras pessoas, de todos os tipos de planos e ambições, incluindo os mais nobres fins especiais que a mente pode receber e, de fato, de qualquer idéia concebível que possa chegar a parecer uma parte de sua vida e da necessidade de asserção contra alguém.

A tentativa de limitar a palavra self e seus derivados aos objetivos inferiores da personalidade é bastante arbitrária. Isso acontece em contradição com o senso comum, tal como é expresso pelo uso enfático do *eu* em conexão com o sentido do dever e outros motivos elevados, e não filosóficos, e ignorando a função do self como o órgão do esforço especializado dos tipos tanto superiores quanto inferiores.

Que o *eu* do discurso comum tem um sentido que inclui algum tipo de referência a outras pessoas, está envolvido no próprio fato de que a palavra e as idéias que representa são fenômenos da linguagem e da vida comunicativa. É duvidoso se é possível usar a linguagem sem pensar mais ou menos nitidamente em alguma outra pessoa e, certamente, as coisas a que damos nomes e que têm um lugar grande no pensamento reflexivo são quase sempre as que são impressas sobre nós pelo nosso contato com as outras pessoas. Onde não há comunicação não pode haver nomenclatura e nenhum pensamento desenvolvido.

O que chamamos de *eu*, *mim*, *meu* ou *eu mesmo* não é, então, algo separado da vida geral, mas a parte mais interessante dela, uma parte cujo interesse surge do próprio fato de ser geral e individual. Ou seja, nós nos importamos com isso apenas porque é essa fase da mente que se está vivendo e se esforçando na vida comum, tentando fazer-se impressionar na mente dos outros. *Eu* é uma tendência social militante, trabalhando para manter e ampliar o seu lugar na corrente geral de tendências. Do mesmo modo que ele pode se encerrar, como toda a vida faz. Pensar sobre ele como algo separado da sociedade é um absurdo palpável do qual ninguém podia ser culpado, já que realmente o *via* como um fato da vida. "O homem sabe-se apenas no homem, só a vida ensina a todos o que se propôs"¹².

Se uma coisa não tem nenhuma relação com os outros, da qual alguém está consciente, é improvável que pense nela, e se pensa nela, não pode, ao que parece, considerá-la como enfaticamente sua. O sentido apropriativo é sempre a sombra, por assim dizer, da vida comum, e quando a temos, lhe damos um sentido último em relação a ela.

Assim, se pensarmos em uma parte isolada da floresta como *nossa*, é porque pensamos, também, que os outros não vão para lá. No que diz respeito ao corpo, duvido que tenhamos um vívido sentimento sobre qualquer parte dele que não seja pensado, ainda que vagamente, como tendo alguma referência real ou possível a outra pessoa.

A autoconsciência intensa em relação a ele surge juntamente com os instintos ou as experiências que o conectam com o pensamento dos outros. Os órgãos internos, como o fígado, não são considerados peculiares de nós mesmos, a menos que estejamos

¹² Citação de Goethe (*Tasso*, act 2, sc. 3) no original em alemão, como se encontra no original, "*Der Mensch erkennt sich nur im Menschen, nur das Leben lehret jedem was er ist*", e, nas notas do autor, em inglês: "*Only in man does man know himself; life alone teaches each one what he is*".

tentando comunicar alguma coisa a respeito deles, como, por exemplo, quando nos estão dando problemas e estamos tentando obter simpatia.

O *eu*, portanto, não é toda a mente, mas uma parte peculiarmente central, vigorosa e bem unida, e não separada do resto, mas gradualmente fundida nela e, ainda, tendo certa distinção prática, de modo que um homem geralmente mostra claramente por sua linguagem e comportamento aquilo que faz o seu *eu* ser tão distinto dos pensamentos que ele não apropria. Pode-se pensar, como já sugerido, sobre a analogia de uma área colorida central em uma parede iluminada; ou poderia também, e talvez mais justamente, ser comparado ao núcleo de uma célula viva, não totalmente separada da matéria circundante, da qual, de fato, é formada, mas, mais ativa e definitivamente organizada.

A referência a outras pessoas envolvidas no sentido do self pode ser distinta e particular, como quando um menino tem vergonha de sua mãe o ter pegado fazendo algo que ela proibiu, ou pode ser vaga e geral, como quando se tem vergonha de fazer algo que só a sua consciência, expressando seu senso de responsabilidade social, detecta e desaprova, mas está sempre lá. Não há o sentido *eu*, como no orgulho ou na vergonha, sem o seu sentido correlato de você, ele, ou eles.

Mesmo o avaro que se regozija por seu ouro escondido pode sentir o *meu* apenas quando ele está ciente do mundo dos homens sobre quem ele tem poder secreto. O caso é muito semelhante com todos os tipos de tesouro escondido. Muitos pintores, escultores e escritores desejam reter o seu trabalho ao mundo, acariciando-o em reclusão até que estejam completamente prontos para isso, porém, o prazer nisto, como em todos os segredos, depende de um sentido de valor do que está escondido.

Eu observei acima que nós pensamos o corpo como *mim* quando este vem a ter uma função ou significado social, porque quando nós dizemos *eu estou vendo bem hoje*, ou *eu sou mais alto do que você*, nós o introduzimos no mundo social, por enquanto, e por isso a razão colocou nossa autoconsciência nele. Agora é curioso, embora natural, que precisamente da mesma forma podemos chamar qualquer objeto inanimado de *eu* com o qual temos identificado a nossa vontade e propósito.

Isto é notável em jogos, como o golfe ou o croquete, onde a bola é a encarnação das fortunas do jogador. Você ouvirá um homem dizer, *Eu estou grama abaixo a caminho do terceiro tee*¹³, ou *Eu estou em posição para o arco do meio*. Do mesmo modo, um menino que empina uma pipa dirá *Eu estou mais alto do que você*, ou um atirador em uma marca declarará que se encontra mirando o alvo (*bulls-eye*).

Em um conjunto muito grande e interessante de casos, a referência social toma a forma de uma imaginação um tanto definida de como o próprio self, - que é qualquer idéia que ele apropria, - aparece em uma mente particular e o tipo de autossentimento que alguém tem é determinado por uma atitude em relação a isso atribuída a essa outra mente. Um self social desse tipo pode ser chamado de um self reflexo ou de um self autoespelhado (*looking-glass self*): de forma recíproca cada espelho reflete o outro que passa.

Como vemos o nosso rosto, figura e vestimenta em um espelho, e estamos interessados neles porque são nossos, e satisfeitos de alguma forma com eles, de acordo como respondem ou não ao que gostaríamos que eles fossem. Do mesmo modo, na imaginação, percebemos na mente de alguém algum pensamento sobre a nossa aparência, maneiras, objetivos, atos, caráter, amigos, e assim por diante.

¹³ O termo *tee* no jogo de golfe diz respeito à área de terreno inicial de um campo de golfe na qual se encontra o buraco para onde a bola deve ser jogada, em uma progressão de nove a dezoito buracos. Cada buraco inclui uma área de terreno inicial (*tee*) e uma área final (*green*), na qual se encontra o buraco propriamente dito. Entre as duas áreas existem diversos obstáculos padronizados, e cada buraco tem uma configuração única [Nota do tradutor].

Uma autopercepção (*self-idea*) desse tipo parece conter três elementos principais: a imaginação de nossa aparência para a outra pessoa; a imaginação de seu julgamento dessa aparência, e algum tipo de autossentimento, como orgulho ou mortificação. A comparação com um espelho dificilmente sugere o segundo elemento, o julgamento imaginado, que é absolutamente essencial.

A coisa que nos move ao orgulho ou à vergonha não é o mero reflexo mecânico de nós mesmos, mas um sentimento imputado, o efeito imaginado dessa reflexão sobre a mente de outro. Isso é evidente pelo fato de que o caráter e o peso do outro, em cuja mente nos vemos, faz toda a diferença com nosso sentimento.

Temos vergonha de parecer evasivo na presença de um homem franco, covarde na presença de um corajoso, grosseiro aos olhos de um refinado, e assim por diante. Nós sempre imaginamos, e no imaginar partes, os juízos da outra mente. Um homem se vangloria a uma pessoa de uma ação, - digamos, por exemplo, de alguma transação afiada no comércio, - que ele teria vergonha de exaltá-la a outro.

Deve ser evidente que as idéias que estão associadas ao autossentimento e formam o conteúdo intelectual do self não podem ser cobertas por nenhuma descrição simples, como por assim dizer que o corpo tem uma parte nisso, os amigos têm outra parte, os planos outro tanto, etc., mas variará indefinidamente em relação a temperamentos e ambientes particulares. A disposição do self, como todos os aspectos da personalidade, é expressiva de fatores hereditários e sociais de longo alcance, e não deve ser compreendida ou preconizada senão em conexão com a vida em geral. Embora, de modo especial, ela não seja de modo algum separada, - a especialidade e a separação não são apenas diferentes, mas contraditórias, uma vez que a primeira implica uma conexão com um todo. O objeto do autossentimento é afetado pelo curso geral da história, pelo desenvolvimento particular das nações, classes e profissões, e outras condições desse tipo.

A verdade disso, talvez, seja mais decisiva no fato de que mesmo aquelas idéias que são mais geralmente associadas ou coloridas com o *meu* sentimento, ou como a idéia da pessoa visível, o nome, a família, os amigos íntimos, a sua propriedade, e assim por diante, não são universalmente tão associadas, mas, podem ser separadas do self por condições sociais peculiares. Assim, os ascetas, que desempenharam um papel tão importante na história do cristianismo e de outras religiões e filosofias, esforçaram-se, não sem êxito, em divorciar-se de todos os ambientes materiais e, sobretudo, de suas pessoas físicas, como circunstâncias acidentais e degradantes da estadia terrena da alma.

Portanto, afastando-se de seus corpos, da propriedade e do conforto, das afeições domésticas, - seja de esposa ou filho, mãe, irmão ou irmã, - e de outros objetos comuns da ambição, eles certamente deram uma direção singular à questão do autossentimento, mas não o destruíram: não há dúvida de que o instinto, que parece imperecível enquanto persiste o vigor mental, encontrou outras idéias a que se juntar; e as formas estranhas e grosseiras que a ambição tomou naqueles séculos em que o anacoreta solitário, imundo, ocioso e atormentado pelos sentidos era um ideal amplamente aceito da vida humana, é uma questão de estudo e reflexão instrutiva.

Mesmo nos mais alto expoente do ideal ascético, como São Jerônimo, é fácil de ver que a disciplina, longe de apagar o self, apenas concentrou a sua energia nos canais elevados e inusitados. A autopercepção pode ser a de alguma grande reforma moral, de um credo religioso, do destino da alma depois da morte, ou mesmo de uma concepção muito querida da divindade.

Assim, escritores devotos, como George Herbert e Thomas ð Kempis, costumam dirigir-se ao meu Deus, não de modo convencional como eu concebo o assunto, mas com um íntimo sentido de apropriação. E observou-se que a exigência da existência

contínua e separada da alma individual após a morte é uma expressão de autossentimento, como em J. A. Symonds.

Symonds pensa que este aspecto está conectado ao egoísmo e à personalidade intensa das raças européias, e afirma que os milhões de budistas se retraíram, diante disso, com horror¹⁴. O hábito e a familiaridade não são suficientes para fazer com que uma idéia seja apropriada pelo self. Muitos hábitos e objetos familiares que foram forçados sobre nós pelas circunstâncias, em vez de escolhidos por sua congenialidade, permanecem externos e possivelmente repulsivos ao self. Por outro lado, um elemento novo, mas muito agradável na experiência, como a idéia de um brinquedo novo, ou, se quiser, a idéia de Romeu sobre Julieta, é muitas vezes apropriado quase imediatamente e se torna, pelo menos no momento, o próprio coração do self.

O hábito tem a mesma ação de fixação e consolidação no crescimento do self, que a que possui em outro lugar, mas não é sua característica distintiva. Conforme sugerido, o autossentimento pode ser encarado, em certo sentido, como a antítese, ou melhor, o complemento desse amor desinteressado e contemplativo que tende a obliterar o sentido de uma individualidade divergente.

O amor deste tipo não tem sentido de limites, mas é o que sentimos quando estamos expandindo e assimilando a experiência nova e indeterminada, enquanto o autossentimento acompanha a apropriação, delimitação e defesa de certa parte da experiência. O primeiro nos impulsiona a receber a vida, o segundo a individualizá-la. O self, deste ponto de vista, pode ser considerado como uma espécie de cidadela da mente, fortificada e contendo os tesouros selecionados - enquanto o amor é uma parcela não dividida no resto do universo.

Em uma mente saudável, cada um contribui para o crescimento do outro: o que amamos intensamente, ou por muito tempo, é provável que se apresente dentro da cidadela e se afirme como parte de nós mesmos. Por outro lado, é somente através da base de um self substancial que uma pessoa é capaz de simpatia ou de amor progressivos.

A doença é a falta de qualquer apoio dos outros. Não há saúde em uma mente, exceto quando ela continua a se expandir, angariar vida nova, e sentindo amor e entusiasmo. E, enquanto faz isso, o seu autossentimento é provável que seja modesto e generoso, desde que esses sentimentos acompanhem o senso de grandeza e de superioridade que implica o amor.

Mas, se o amor se fecha, o self se contrai e endurece. A mente não tendo nada para ocupar a sua atenção e lhe dar a mudança e renovação que ela requer, se ocupa mais e mais com o autossentimento, que assume formas estreitas e repugnantes, como a avareza, a arrogância e a estupidez.

É necessário que tenhamos autossentimento sobre uma questão durante a sua concepção e execução; mas, quando ela é levada a cabo e falha, então o self deveria se desprender e escapar, renovando a sua pele como as serpentes, como diz Thoreau. Não importa o que um homem faça, ele nunca está totalmente curado ou humano a menos que haja um espírito de liberdade nele, uma alma não confinada por um propósito maior do que o mundo possível.

É isso que significa para aqueles que inculcam a supressão do self; eles querem dizer que a sua rigidez deve ser quebrada pelo crescimento e renovação, que deve ser, mais ou menos, decisivamente, com um *nascido de novo*. Um self sadio deve ser vigoroso e plástico, um núcleo de finalidade e sensação sólido, bem tricotado, privado, guiado e nutrido pela simpatia.

¹⁴ John Addington Symonds, by H. F. Brown, vol. ii, p. 120.

A visão de que o *self* e os pronomes da primeira pessoa são nomes que a raça aprendeu a aplicar a uma atitude mental instintiva, e que cada criança, por sua vez, aprende a aplicar de maneira semelhante, foi surpreendido por mim ao observar a minha criança M. no momento em que ela estava aprendendo a usar esses pronomes. Quando ela tinha dois anos e duas semanas de idade eu fiquei surpreso ao descobrir que ela tinha uma noção clara da primeira e da segunda pessoa quando usadas possessivamente. Quando perguntado, *Onde está o seu nariz?* Ela colocava a mão sobre ele e dizia *meu*. Ela também entendeu que quando alguém dizia *meu* e tocava um objeto, significava algo oposto ao que significava quando tocava o mesmo objeto e usava a mesma palavra.

Agora, qualquer um que exerça a sua imaginação sobre a questão de como esse assunto deve parecer a uma mente que não tem meios de saber nada sobre *eu* e *meu*, exceto o que aprende ouvindo-os sendo usados, verá que deve ser muito intrigante, ao contrário de outras palavras, que os pronomes pessoais, aparentemente, não possuam um significado uniforme, mas, transmitem idéias diferentes e até opostas quando empregadas por pessoas diferentes. Parece notável que as crianças devem dominar este problema antes de chegarem a um poder considerável de raciocínio abstrato.

Como uma menina de dois anos, não particularmente reflexiva, descobriu que *meu* não era o sinal de um objeto definido, como outras palavras, mas significava algo diferente para cada pessoa que a usou? E, ainda mais surpreendente, como ela conseguiu o uso correto dela em referência a si mesma, que, ao que parece, *não poderia ser copiada de qualquer outra pessoa*, simplesmente porque ninguém mais a usou para descrever o que lhe pertencia?

O significado das palavras é aprendido associando-as de outros fenômenos. Mas, como é possível aprender o significado de alguém que, como usado pelos outros, nunca é associado com o mesmo fenômeno, como quando corretamente usado por si mesmo? Observando o seu uso da primeira pessoa, eu fiquei imediatamente impressionado com o fato de que ela o empregava quase totalmente no sentido possessivo, e isso também quando estava com um humor agressivo e autoassertivo.

Era extremamente comum ver R. puxando uma das extremidades de um brinquedo e M., na outra, gritando: *meu, meu*. O *mim* foi, às vezes, usado de forma quase equivalente a *meu*, e, também, empregado para chamar a atenção para si mesma quando queria algo feito por ela. Outro uso comum do uso de *meu* era exigir algo que ela não tinha. Assim, se R. tivesse algo que ela queria, um carrinho, por exemplo, ela exclamava: *Onde está o meu carrinho?*

Pareceu-me que ela poderia ter aprendido o uso desses pronomes do seguinte modo. O sentimento de si mesmo sempre esteve lá. Desde há primeira semana que ela queria coisas e chorou e lutou por eles. Ela, também, se familiarizou com a observação e a oposição com as atividades apropriadas por R. Assim, ela não só sentiu a si mesma, mas, associando-a a sua expressão visível, provavelmente a adivinhou, simpatizou com ela, ressentiu-a, em outros. Agarrar, puxar e gritar estaria associado com o sentimento dela própria e se lembraria deste mesmo sentimento quando observado em outros.

Eles constituiriam uma linguagem, precedente ao uso de pronomes pessoais, para expressar a autopercepção. Tudo estava pronto, então, para a palavra nomear esta experiência. Ela observou agora que R., quando contenciosamente se apropriava de alguma coisa, frequentemente exclamava: *meu, é meu, me dá, eu quero* e coisas do gênero. Nada mais natural, então, de que ela deveria adotar essas palavras como nomes para uma experiência frequente e vívida com a qual já tinha familiaridade em seu próprio caso, e tinha aprendido a atribuir aos outros.

Consequentemente me pareceu, quando escrevi as minhas notas à época, que “o *meu* e o *meu* são simplesmente nomes para imagens concretas de apropriação”, e abran-

ge tanto o sentimento apropriativo quanto a sua manifestação. Se isso é verdade, a criança não desenvolve primeiramente a idéia de *eu-e-você* de uma forma abstrata. O primeiro pronome pessoal é, com efeito, um sinal de coisa concreta, mas, essa coisa não é primariamente o corpo da criança ou as suas sensações musculares como tais, porém, o fenômeno da apropriação agressiva, praticada por si mesma, testemunhada em outros, incitada e interpretada por um instinto hereditário. Isso parece superar a dificuldade acima mencionada, ou seja, a aparente falta de um conteúdo comum entre o significado de *meu* quando usado por outro e quando usado por si mesmo. Este conteúdo comum é encontrado no sentimento apropriativo e nos sinais visíveis e audíveis desse sentimento.

Um elemento de diferença e de conflito vem, naturalmente, nas ações ou propósitos opostos que o *meu* de outro e o próprio *meu* são susceptíveis de representar. Quando outra pessoa diz *meu* sobre algo que eu afirmo, eu simpatizo com ele o suficiente para entender o que ele quer dizer, mas, é uma simpatia hostil, dominada por outra e mais vívida, *meu*, conectado com a idéia de dispor do objeto à minha maneira.

Em outras palavras, o significado de *eu* e *meu* é aprendido da mesma maneira que os significados de esperança, arrependimento e desgosto, e milhares de outras palavras de emoções e sentimentos são aprendidos da mesma forma, isto é, por ter o sentimento, imputá-lo aos outros em conexão com algum tipo de expressão, e ouvir a palavra junto com ele. Quanto à sua comunicação e crescimento, a autopercepção não é de modo algum peculiar ao que eu vejo, mas, essencialmente, relacionada a outras idéias. Em suas formas mais complexas, como as expressas pelo *eu* na conversação e na literatura, é um sentimento social, ou um tipo de sentimento, definido e desenvolvido pelo intercurso, da maneira sugerida em um estudo anterior¹⁵.

R., embora uma criança mais reflexiva do que M., era muito mais lenta na compreensão desses pronomes, e em seu trigésimo quinto mês ainda não os tinha endireitado, às vezes chamando seu pai de *mim*. Imagino que isso se deveu, em parte, ao fato de ele ser plácido e incontestável nos primeiros anos de sua vida, manifestando um pequeno sentimento social, mas, principalmente, ocupado com uma experiência e reflexão impessoais e, em parte, porque viu poucas outras crianças por antítese através das quais o seu self poderia ser despertado.

M., por outro lado, tendo chegado mais tarde, tinha a oposição de R. para aguçar a sua apropriação naturalmente afiada. A sua sociedade teve um efeito marcante no desenvolvimento de autossentimento em R., que achou a autoafirmação necessária para preservar os seus brinquedos, ou qualquer outra coisa capaz de apropriação. Ele aprendeu o uso de *meu*, no entanto, quando tinha cerca de três anos de idade, antes de M. nascer. Ele, sem dúvida, adquiriu isso em seus relacionamentos com os seus pais. Deste modo, talvez, ele tenha percebido que a sua mãe reivindicava as tesouras como *minhas* e as apreendia, e seria movido pela simpatia para reivindicar algo da mesma maneira - conectando a palavra com o ato e o sentimento, em vez do objeto. Contudo, como eu não tinha o problema claramente em mente naquele momento, eu não fiz observações satisfatórias.

Eu imagino, então, que, em regra, a criança associa o *eu* e o *mim*, primeiramente, apenas com aquelas idéias sobre as quais o seu sentimento de apropriação é despertado e definido pela oposição. Ela se apropria de seu nariz, olho ou pé da mesma maneira que de um brinquedo, - por antítese a outros narizes, olhos e pés, que ele não pode controlar. Não é raro amolá-las, propondo tirar um desses órgãos, e eles se comportam precisa-

¹⁵ Comparar com o meu: Study of the Early Use of Self-Words by a Child In: *The Psychological Review*, v. 15, p. 339.

mente como se o *meu* ameaçado fosse um objeto separável, - o que poderia ser por tudo o que conhecem.

E, como sugeri, mesmo na vida adulta, *eu*, *mim* e *meu* são aplicados, com um forte senso do seu significado, apenas a coisas que nos são peculiares por algum tipo de oposição ou contraste. Elas sempre implicam em vida social e a relação com outras pessoas.

O que é mais distintamente meu é muito particular, é verdade, mas, é aquela parte do privado que eu prezo em antítese ao resto do mundo, não o separado, mas o especial. O eu agressivo é essencialmente uma fase militante da mente, tendo por sua função aparente a energização de atividades peculiares e, embora a militância não possa continuar de maneira óbvia e externa, ela sempre existirá como uma atitude mental.

Em algumas das discussões mais conhecidas sobre o desenvolvimento do sentido do self em crianças, a ênfase principal tem sido colocada sobre as idéias especulativas ou quase metafísicas sobre o *eu* que as crianças às vezes formulam como resultado de perguntas de seus pais, ou do desenvolvimento independente de um instinto especulativo. O resultado mais óbvio dessas investigações foi mostrar que uma criança, quando reflete sobre o self dessa maneira, geralmente localiza o *eu* no corpo. Interessante e importante como esta metafísica juvenil têm sido, como uma fase do desenvolvimento mental, certamente não deve ser tomada como uma expressão adequada do senso infantil de self, e provavelmente o Presidente G. Stanley Hall, que colecionou material valioso desse tipo, não toma assim¹⁶.

Esta análise do *eu*, perguntando a si mesmo onde está localizado, se membros particulares se encontram abraçados nele, e afins, é um tanto distante do uso ingênuo ordinário da palavra, com crianças como com povos crescidos. Em meus próprios filhos, só uma vez observei algo desse tipo, e foi no caso de R., quando ele estava lutando para conseguir o uso correto de seus pronomes.

Uma tentativa fútil e, como eu penso agora, errada, foi feita para ajudá-lo, apontando a associação da palavra com o seu corpo. Por outro lado, toda criança que aprendeu a falar usa *eu*, *mim*, *meu*, e assim por diante, centenas de vezes por dia, com grande ênfase na maneira simples e ingênua que a raça usou por milhares de anos.

Nesse uso, eles se referem a reivindicações sobre brinquedos, a afirmações de uma vontade ou propósito peculiar, como *Eu não quero fazê-lo* dessa maneira, *Eu vou desenhar um gatinho* e, assim por diante, raramente a qualquer parte do corpo. Quando uma parte do corpo é significada, então ela é geralmente para reivindicar a aprovação para ele, como *Não estou bonito?*, de modo que o objeto de interesse principal é, afinal, a atitude de outra pessoa.

O especulativo *Eu*, embora um verdadeiro *eu*, não é o *eu* do discurso comum e da utilidade cotidiana, mas, quase tão distante do pensamento comum como o ego dos metafísicos, do qual, na verdade, é um exemplo imaturo. Quando as crianças, neste estado filosófico da mente, geralmente se referem *eu* como corpo físico, isto é facilmente explicado pelo fato de que o seu materialismo, natural à toda especulação grosseira, precisa localizar o self em algum lugar, e o corpo aparece como a única coisa tangível que eles possuem que tem um poder contínuo, aparece como a casa mais disponível para tal.

O processo pelo qual o autossentimento, do tipo olhar espelhado, se desenvolve nas crianças, pode ser seguido sem muita dificuldade. Estudando os movimentos dos outros tão de perto como elas, elas logo vêem uma conexão entre os seus próprios atos e

¹⁶ Comparar com o artigo: Some Aspects of the Early Sense of Self. In: *American Journal of Psychology*, v. 9, p. 351.

as mudanças nesses movimentos. Isto é, elas percebem a sua própria influência ou poder sobre as pessoas.

A criança se apropria das ações visíveis dos seus pais ou de sua babá, sobre os quais ela acha que tem algum controle, da mesma maneira que se apropria de um de seus próprios membros ou de um brinquedo, e tentará fazer coisas com essa nova posse, assim como fará com a mão ou com o seu chocalho. Uma menina de seis meses de idade tentará, da maneira mais evidente e deliberada, atrair a atenção para si mesma, pondo em movimento suas ações alguns dos movimentos de outras pessoas de que ela se apropriou.

Ela provou a alegria de ser uma causa, de exercer poder social, e deseja mais do que isso. Ela vai puxar as saias de sua mãe, se retorcer, gorgolejar, esticar os braços, etc., todo o tempo olhando para o efeito esperado. Essas performances muitas vezes dão à criança, mesmo nesta idade, uma aparência do que é chamado afetação, ou seja, ela parece estar excessivamente preocupada com o que os outros pensam dela.

A afetação, em qualquer idade, existe quando a paixão de influenciar os outros parece superar o caráter estabelecido e lhes dar uma óbvia torção ou pose. É instrutivo descobrir que até Darwin era, em sua infância, capaz de se afastar da verdade por causa de uma impressão. "Por exemplo", ele diz em sua autobiografia, "uma vez eu coletei um fruto muito valioso das árvores do meu pai e o escondi no arbusto e, então, corri com pressa e sem fôlego para espalhar a notícia de que eu tinha descoberto um tesouro de frutas roubadas¹⁷".

O jovem *performer* logo aprende a ser coisas diferentes para pessoas diferentes, mostrando que ele começa a apreender a personalidade e a prever a sua operação. Se a mãe ou a babá é mais coração mole do que justa apenas, ela será quase certamente *trabalhada* por um choro sistemático. Esta é uma questão de observação comum que as crianças muitas vezes se comportam pior com a sua mãe do que com outras pessoas menos simpáticas.

Entre as novas pessoas que uma criança vê, é evidente que algumas estabelecem uma forte impressão e despertam o desejo de interessá-las e agradá-las, enquanto outras são indiferentes ou repugnantes. Às vezes, a razão pode ser percebida ou adivinhada, às vezes não, mas o fato de interesse seletivo, admiração, prestígio, se torna óbvio antes do final do segundo ano. Nesta época, uma criança já se preocupa muito com o reflexo de si mesmo sobre uma personalidade, e pouco sobre outra. Além disso, ele logo reivindica pessoas íntimas e tratáveis como as minhas, as classifica entre suas outras posses, e mantém sua propriedade contra todos os presentes. M., aos três anos de idade, ressentiu-se vigorosamente da reivindicação de R. sobre a mãe, e sempre replicava *minha mamãe*, sempre que a questão era levantada.

A alegria e o sofrimento fortes dependem do tratamento que esse self social rudimentar recebe. No caso de M., notei, já no quarto mês, uma maneira de chorar *magoadada*, que parecia indicar uma sensação de leveza pessoal. Era bem diferente do grito de dor ou da raiva, mas parecia o mesmo que o grito de susto, que o menor tom de reprovação a faria dar. Por outro lado, se as pessoas tomavam nota e riam, e a encorajavam, ela era hilariante.

Aos quinze meses de idade, ela se tornara *uma pequena atriz perfeita*, parecendo viver em grande parte na imaginação do seu efeito sobre as outras pessoas. Ela constantemente e obviamente colocava armadilhas para a atenção, e olhava acabrunhada ou chorosa a quaisquer sinais de desaprovação ou indiferença.

¹⁷ *Life and Letters of Charles Darwin*, by, F. Darwin, p. 27.

Às vezes, parecia que ela não conseguia superar essas repulsões, mas chorava muito de um modo triste, recusando-se a ser consolada. Se ela acertasse qualquer pequeno truque que fizesse as pessoas rirem, ela certamente repetiria, rindo alto e afetadamente em imitação. Ela tinha um repertório desses pequenos desempenhos, que iria exhibir para um público simpático ou, mesmo, tentar aplicá-los junto a estranhos. Eu a vi, aos dezesseis meses, quando R. se recusou a lhe dar a tesoura, sentar-se e fingir chorar, colocando seu lábio inferior e fungando, e olhando para cima, enquanto isso, para sentir o efeito que estava produzindo¹⁸.

Em tais fenômenos, parece-nos, com toda a clareza, o germe da ambição pessoal de todo tipo. A imaginação que coopera com o autossentimento instintivo já criou um *self social*, e isso se tornou um objeto principal de interesse e esforço.

O progresso a partir deste ponto se dá, principalmente, no caminho de uma maior precisão, plenitude e interioridade na imaginação do estado de espírito do outro. Uma criança pequena pensa e tenta extrair certos fenômenos visíveis ou audíveis, e não volta atrás deles, mas, o que uma pessoa adulta deseja produzir nos outros é uma condição interna, invisível, que sua própria experiência mais rica lhe permite imaginar, e da qual a expressão é apenas o sinal.

Mesmo os adultos, entretanto, não fazem nenhuma separação entre o que os outros pensam e a expressão visível desse pensamento. Imaginam tudo ao mesmo tempo, e a sua idéia difere da de uma criança, principalmente, na riqueza e na complexidade comparativa dos elementos que acompanham e interpretam o sinal visível ou audível.

Há, também, um progresso do ingênuo ao sutil na ação socialmente autoassertiva. Uma criança obviamente e simplesmente, a princípio, faz as coisas para sentir o efeito. Mais tarde, há um esforço para suprimir a aparência de fazê-lo. O afeto, a indiferença, o desprezo, etc., são simulados para ocultar o desejo real de afetar a autoimagem. Percebe-se que uma óbvia busca de uma boa opinião é fraca e desagradável.

Duvido que haja algum estágio regular no desenvolvimento do autossentimento social e da expressão comum à maioria das crianças. Os sentimentos do self se desenvolvem por gradações imperceptíveis fora do instinto apropriado dos bebês recém-nascidos, e suas manifestações variam indefinidamente em casos diferentes.

Muitas crianças mostram *autoconsciência* de forma notável desde o primeiro semestre. Outras têm pouca aparência dela em qualquer idade. Outros, ainda, passam por períodos de afetação cuja duração e tempo de ocorrência provavelmente seriam extremamente variados. Na infância, como em todos os momentos da vida, a absorção em alguma outra idéia que não a do self social tende a expulsar a *autoconsciência*.

No entanto, quase todos os que têm uma mentalidade imaginativa passam por uma época de autossentimento apaixonado na adolescência, quando, segundo a crença atual, os impulsos sociais são estimulados em conexão com o rápido desenvolvimento das funções do sexo. Este é um tempo de adoração de heróis, de alta determinação, de reavivamento apaixonado, de ambição vaga, mas feroz, de imitação extenuante que parece afetada, de não sentir-se à vontade na presença do outro sexo ou de pessoas superiores, e assim por diante.

Muitas autobiografias descrevem o autossentimento social da juventude, que, no caso de naturezas extenuantes e suscetíveis, impedidas pela fraca saúde ou por ambientes pouco convencionais de obter o tipo de sucesso próprio dessa idade, muitas vezes atinge extrema intensidade. É o caso, em geral, da juventude dos homens de gênio, cujas

¹⁸ Este tipo de coisa é muito familiar para observadores de crianças. Ver, por exemplo, *Miss Shinn's Notes on the Development of a Child*, p. 153.

doações e tendências excepcionais os isolam mais ou menos da vida ordinária que os rodeia.

Na autobiografia de John Addington Symonds temos um relato dos sentimentos de um menino ambicioso que sofre de má saúde, de um caráter simples, - mortificado, de modo peculiar, aos seus fortes instintos estético, - e do atraso mental.

Eu quase me ressentia das atenções que me pagavam como filho de meu pai [...] Eu os considerava como atos de condescendência caritativa. Assim, passei a uma atitude de timidez ativa que não tinha nada de respeitável, a não ser uma espécie de orgulho autoconfiante e desafiador do mundo, uma resolução para me efetuar e para ganhar o que eu queria por meus esforços. [...] Eu prometi elevar-me de alguma forma a algum tipo de eminência [...]. Eu não sentia desejo de riqueza, nem mero desejo de me curvar frente a uma figura na sociedade. Mas eu tinha sede do intolerável, sede de eminência, e de reconhecimento como personalidade¹⁹.

[...] A principal coisa que me sustentou foi um sentido de self - imperioso, antagônico, não maleável²⁰.

[...] O meu self externo, de muitas maneiras, estava sendo perpetuamente esnobado, esmagado e mortificado. No entanto, o self interior endureceu depois de uma moda muda e cega. Eu repetia: *Espere, espere. Eu vou, eu posso, eu devo* [...] ²¹.

Em Oxford, ele ouve uma conversa em que suas habilidades são depreciadas e está previsto que ele não vai receber o seu *primeiro* (lugar).

A picada dela permaneceu em mim, e embora eu me importasse pouco o bastante para as primeiras classes, eu, então, lá estava resolvido que ganharia o melhor primeiro do meu ano. Este tipo de ranhura em mim tem que ser notificada. Nada despertou tanto do que uma leve aparência, excitando minha masculinidade rebelde²².

Mais uma vez ele exclama:

Olho ao meu redor e não encontro nada em que eu sobressumo²³.

[...] Não percebo a ambição, porque não tenho trabalho ativo, e não posso ganhar uma posição de importância como os outros homens²⁴.

Este tipo de coisa é familiar na literatura, e muito provavelmente em nossa própria experiência. Parece valer à pena lembrar e ressaltar que essa necessidade primitiva de autoefetuação, para adotar a frase do Sr. Symonds, é a essência da ambição e sempre tem por objeto a produção de algum efeito sobre as mentes de outras pessoas. Sentimos, nas citações acima, o indomável surgimento da força individualizadora, militante, da qual o autossentimento parece ser o órgão.

A diferença de sexo no desenvolvimento do self social é aparente desde o início. As meninas têm, em regra, uma sensibilidade social mais impressionável. Elas se preocupam mais obviamente com a sua imagem social, estudam-na, refletem mais sobre ela e, assim mesmo, durante o primeiro ano, adota uma aparência de sutileza, *finesse* e, muitas vezes, de afetação, de onde os meninos são visto comparativamente como faltos.

¹⁹ John Addington Symonds, by H.F. Brown, vol. I, p. 63.

²⁰ Idem, p. 70.

²¹ Idem, p. 74.

²² Idem, p. 120.

²³ Idem, p. 125.

²⁴ Idem, p. 348.

Os meninos são mais engajados com atividade muscular para o seu próprio benefício e autoconstrução; a sua imaginação é ocupada um pouco menos com as pessoas e mais com as coisas. Uma menina das do tipo *ewig weiblich*²⁵ não é fácil de descrever, mas de comportamento bastante inconfundível, que aparece logo que ela começa a tomar conhecimento das pessoas. E uma fase disso é certamente o aparecimento de um ego menos simples e estável, e um impulso mais forte para passar para o outro ponto de vista da pessoa e para estancar a alegria e a tristeza sobre a imagem em sua mente. Não há dúvida de que as mulheres são, em regra, mais dependentes do apoio pessoal imediato e da corroboração do que os homens.

O pensamento da mulher precisa fixar-se sobre alguma pessoa em cuja mente ela pode encontrar uma imagem estável e convincente de si mesma para viver. Se tal imagem é encontrada, seja em uma pessoa visível ou ideal, o poder da devoção a ela se torna uma fonte de força. Mas é uma espécie de força dependente deste complemento pessoal, sem o qual o caráter feminino é um tanto capaz de se tornar um navio abandonado e à deriva.

Os homens, sendo construídos mais para a agressão, têm, relativamente, um poder maior de ficar sozinhos. Mas ninguém pode realmente ficar sozinho, e a aparência disso se deve simplesmente a um momento maior de continuidade de caráter que armazena o passado e resiste às influências imediatas. Diretamente, ou indiretamente, a imaginação de como aparecemos para os outros é uma força controladora em todas as mentes normais.

As fases vagas, mas potentes, do self, associada com o instinto de sexo, pode ser considerada, assim, como as outras fases, como expressivas de uma necessidade de exercer força e tendo por referência a função pessoal. A juventude (masculina), eu penso, é tímida precisamente porque está consciente da vaga agitação de um instinto agressivo que não sabe como realizar ou ignorar.

Talvez seja a mesma coisa com o outro sexo: os tímidos são sempre agressivos no coração, eles estão conscientes de um interesse na outra pessoa, de uma necessidade de ser algo para ela. E a paixão sexual mais desenvolvida em ambos os sexos, é, em grande parte, a emoção de poder, dominação, ou de apropriação: não há estado de sentimento que clame *meu, meu*, mais ferozmente. A necessidade de ser apropriado ou dominado que, nas mulheres, pelo menos, é igualmente poderosa, é, no fundo, da mesma natureza, tendo por objeto a atração para si de uma paixão magistral. "O desejo do homem é para a mulher, mas o desejo da mulher é para o desejo do homem"²⁶.

Embora os rapazes tenham geralmente um self social menos impressionável do que as meninas, existe, porém, uma grande diferença entre eles a este respeito. Alguns deles têm uma tendência marcada para *finesse* e poses, enquanto outros não a têm ou quase não a possuem.

Estes últimos têm uma imaginação pessoal menos viva e não são afetados, principalmente, talvez, porque não têm idéia vívida de como eles se parecem em relação aos outros, e assim não são movidos a parecer mais do que são. Eles são irresponsáveis e desprezíveis porque não sentem, não têm vergonha, nem ciúmes, nem são vãos, nem orgulhosos, nem apresentam remorsos, porque tudo isso implica imaginação da mente de outro. Conheci crianças que não mostraram tendência a mentir, mas, na verdade, não conseguiam entender a natureza ou o objeto de mentir, ou de qualquer tipo de ocultação, como em jogos como o esconde-esconde.

²⁵ O termo alemão *ewig weiblich* usado por Cooley se refere às meninas, que no Brasil são conhecidas por *patricinhas* [Nota do tradutor].

²⁶ Pensamento atribuído a Senhora de Stael.

Essa maneira excessivamente simples de olhar as coisas pode vir de uma absorção incomum na observação e análise do impessoal, como parecia ser o caso de R., cujo interesse em outros fatos e suas relações preponderou tanto sobre o seu interesse nas atitudes pessoais que não teve tentação de sacrificar o primeiro interesse sobre este último. Uma criança deste tipo dá a impressão de não ser moral. Não parece ter nem pecados nem arrependimentos, e não tem conhecimento do bem e do mal. Comemos da árvore desse conhecimento quando começamos a imaginar as mentes dos outros, e assim, nos tornamos conscientes desse conflito de impulsos pessoais que a consciência procura dissipar.

A simplicidade é uma coisa agradável em crianças, ou em qualquer idade, mas não é necessariamente admirável, nem a afetação é uma coisa completamente do mal. Para ser normal, para estar em casa no mundo, com uma perspectiva de poder, utilidade ou sucesso, a pessoa deve ter essa visão imaginativa em outras mentes que estão subjacentes: o tato e o *savoir-faire*, a moralidade e a beneficência.

Este *insight* envolve sofisticação, alguma compreensão e partilha dos impulsos clandestinos da natureza humana. Uma simplicidade, que seja meramente a falta deste *insight*, indica um tipo de defeito. Há, no entanto, outro tipo de simplicidade, pertencente a um caráter sutil e sensível, mas com força suficiente e clareza mental para manter em ordem estrita os múltiplos impulsos a que se está aberto e, assim, preservar o seu direcionamento e unidade. Alguém pode ser simples, como Simão, o Simples, ou, no sentido que Emerson quis dizer, quando afirmou: *Ser simples é ser grande*.

A afetação, a vaidade, etc., indicam a falta de adequada assimilação das influências que surgem do nosso senso do que os outros pensam de nós. Em vez das influências, que trabalham gradualmente sobre o indivíduo sem perturbar o seu equilíbrio, estas o dominam, de modo que ele parece não ser ele mesmo, posando, fora de sua função e, portanto, visto como tolo, fraco, desprezível. O sorriso afetado, o *rosto tolo de louvor* é um tipo de afetação, como uma coisa externa, colocada, e uma petição fraca e fátua de aprovação.

Sempre que se está crescendo rapidamente, aprendendo ansiosamente, e preocupado com estranhos ideais, corre-se o perigo dessa perda de equilíbrio. Este foco, o observamos, igualmente, em crianças sensíveis, especialmente em meninas, e em jovens entre quatorze e vinte anos, e em todas as idades, em pessoas de individualidade instável.

Essa perturbação do nosso equilíbrio pelo afastamento da imaginação em relação ao ponto de vista de outra pessoa significa que estamos sofrendo sua influência. Na presença de alguém que sentimos importante, há uma tendência a assumir e adotar, por simpatia, o seu julgamento de nós mesmos, e para colocar um novo valor em relação às idéias e propósitos, reformulando, desta maneira, a vida à sua imagem.

Em uma pessoa muito sensível, esta tendência é muitas vezes evidente para outros, em conversa normal e nas questões triviais. Por força de um impulso que surge diretamente da delicadeza de suas percepções, ele está continuamente imaginando como aparece ao seu interlocutor, e aceitando a imagem, de momento, como a dele mesmo.

Se o outro parece pensá-lo bem informado sobre alguma matéria recôndita, ele é susceptível de assumir uma expressão aprendida, se pensado judicioso, olha como se fosse, se acusado da desonestidade ele aparece culpado, e assim por diante. Em suma, um homem sensível, na presença de uma personalidade impressionante, tende a se tornar, no tempo, a interpretação do que para o outro pensa ele ser.

Somente aos os pesados de mente (*heavy-minded*) não vão sentir isso como verdade, em algum grau, de si mesmos. Claro que é geralmente um fenômeno temporário e um tanto superficial, mas é típico de toda a ascendência e nos ajuda a entender como as

peças têm poder sobre nós por meio de alguma apreensão sobre a nossa imaginação e como nossa personalidade cresce e toma forma ao adivinhar a aparência de nosso self presente em outras mentes.

Conquanto um personagem seja aberto e capaz de crescer, ele mantém uma imprevisibilidade correspondente, que não é fraqueza, a menos que afunde a sua faculdade de assimilação e organização. Conheço homens cujas carreiras são uma prova de caráter estável e agressivo e que têm uma sensibilidade quase feminina em relação à aparência dos outros. Na verdade, se alguém vê um homem cuja atitude em relação aos outros é sempre assertiva, nunca receptiva, pode ter certeza de que o homem nunca irá longe, porque nunca aprenderá muito. No caráter, como em todas as fases da vida, a saúde exige uma união justa da estabilidade com a plasticidade.

Há uma vaga excitação do self social mais geral do que qualquer emoção ou sentimento particular. Assim, na simples presença de pessoas, um *senso de outras pessoas*, como diz o professor Baldwin, e uma consciência de sua observação, muitas vezes provoca um vago desconforto, dúvida e tensão. Sente-se que há uma imagem social de si mesmo espreitando, e não sabendo o que é que ele está obscuramente alarmado.

Muitas pessoas, talvez a maioria, sentem mais ou menos a agitação e o embaraço sob a observação de estranhos e, para alguns, mesmo sentados na mesma sala com pessoas estranhas ou pouco convencionais é assediante e exaustivo. É bem sabido, por exemplo, que uma visita de um estranho costumava custar a Darwin o sono de sua noite, e muitos exemplos semelhantes podem ser coletados dos registros de homens de letras. Neste ponto, no entanto, é evidente que nos aproximamos das fronteiras da patologia mental.

Talvez alguns pensem que eu exagero a importância do autossentimento social, ao tomar pessoas e períodos de vida que são anormalmente sensíveis. Mas, creio que, com todas as pessoas normais e humanas, permanece de uma forma ou de outra, a fonte principal do esforço e um principal interesse da imaginação ao longo da vida. Como é o caso com outros sentimentos, não pensamos muito, desde que sejam moderados e regularmente gratificados. Muitas pessoas de mentalidade equilibrada e atividade simpática mal sabem que se importa com o que os outros pensam deles e negarão, talvez com indignação, que esse cuidado seja um fator importante no que são e fazem. Mas isso é ilusão.

Se o fracasso ou a desgraça chegam, se alguém de repente acha que os rostos dos homens mostram frieza ou desprezo em vez da bondade e da deferência que ele está acostumado, ele perceberá a partir do choque, o medo, a sensação de ser pária e impotente, e que ele estava vivendo na mente dos outros sem sabê-lo, assim como caminhamos diariamente no chão sólido sem pensar como ele nos sustenta. Este fato é tão familiar na literatura, especialmente nos romances modernos, que deveria ser óbvio o suficiente.

As obras de George Eliot são particularmente fortes na exposição do mesmo. Na maioria dos seus romances, há algum personagem como o Sr. Bulstrode em *Middlemarch*, ou o Sr. Jermyn, em *Felix Holt*, cuja imagem social respeitável e estabelecida há muito tempo é quebrada pela revelação de uma verdade oculta.

É verdade, no entanto, que a tentativa de descrever o self social e analisar os processos mentais que nele entram quase inevitavelmente, faz com que ele pareça mais reflexivo e *autoconsciente* do que normalmente o é. Assim, enquanto alguns leitores descobrirão em si mesmos uma contemplação bastante definida e deliberada do self refletido, outros, talvez, não encontrem senão um impulso de simpatia, tão simples que dificilmente pode ser objeto de um pensamento distinto.

Muitas pessoas, - cujo comportamento mostra que a sua idéia de si próprios é largamente adquirida das pessoas com quem estão - ainda são bastante inocentes de qualquer pose intencional. Essa sensação é uma questão de impulso subconsciente ou de uma mera sugestão. O self de mentes muito sensíveis, mas não reflexivas, possuem este caráter.

O self do grupo ou do *nós* é simplesmente um *eu* que inclui outras pessoas. Alguém se identifica com um grupo e fala da vontade comum, da opinião, do serviço ou do semelhante em termos de *nós* e *nosso*. A sensação dele é estimulada pela cooperação interna e a pouca oposição.

Uma família que teve que lutar com dificuldades econômicas geralmente desenvolve solidariedade - *Pagamos a hipoteca, Enviamos os meninos para a faculdade*, e coisas do gênero. Um aluno identifica-se com a sua classe ou a sua universidade quando está desempenhando uma função social de algum tipo, especialmente quando na disputa em jogos com outras classes ou instituições: *Ganhamos o cabo de guerra*, diz ele, ou, *Nós vencemos Wisconsin no futebol*. Aqueles *nós* que ficaram em casa durante a Grande Guerra, no entanto, dizem que, como "*nós*" eles entraram na guerra em 1917, e, como *nós*, lutaram decisivamente na Argonne²⁷, e assim por diante.

Vale ressaltar que o self nacional e, na realidade, qualquer self de um grupo qualquer, pode ser sentido apenas em relação a uma sociedade maior, assim como o self individual é sentido apenas em relação a outros indivíduos. Nós não poderíamos possuir o patriotismo, a menos que estivéssemos cientes de outras nações, e do efeito de uma sociedade definitivamente organizada de nações, em cujas atividades todos nós tivéramos um interesse generoso, seria, não a diminuir o patriotismo, como alguns pouco inteligentes têm afirmado, mas para o aumento do seu caráter, para torná-lo mais vivo, contínuo, variado e simpático.

Seria como a autoconsciência e inteligência de um indivíduo na relação constante e amigável com os outros, em contraste com a autoafirmação brutal de quem sabe de seus companheiros, apenas como objetos de suspeita e hostilidade. O patriotismo do passado tem sido da última espécie, e nós temos de considerar as suas possibilidades mais elevadas. O *nós* nacional pode e deve ser um self de honra autêntica, de serviço e de aspiração humana.

²⁷ Região do norte da França, em torno Sainte-Menehould.